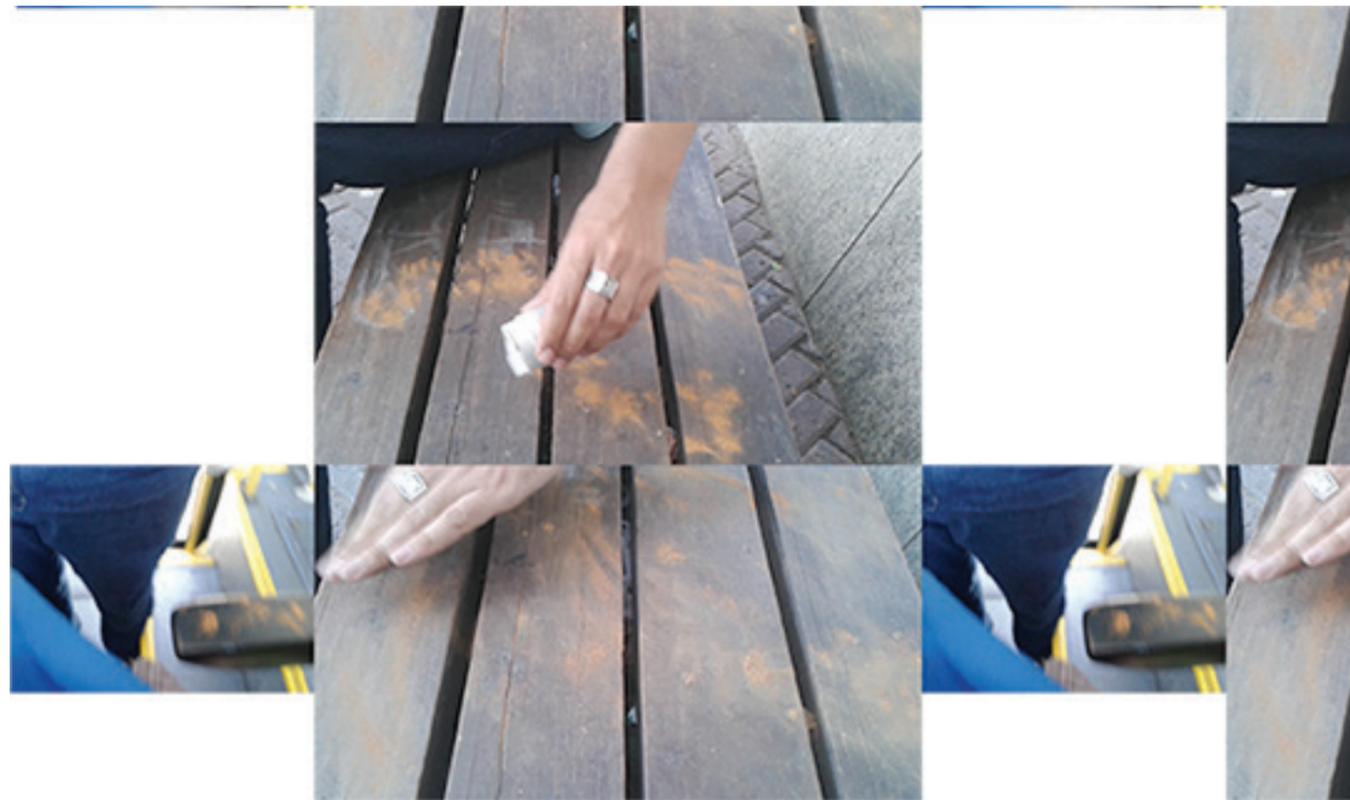


REVERSO

reverso constitui-se como um espaço dialógico

Ao mesmo tempo que cada proposta possui campos de composição singulares, buscam ações que partem de uma reflexão a respeito do sujeito.



(1:1)

de Henrique Monteiro

reflexões a respeito das repetições
de gestos no comportamento
do sujeito coletivo

disponíveis na web <coletaneadp.blogspot.com>

que tentam estar engatilhar/ativar/interferir
no cotidiano urbanístico

“Um pra um” é uma escala de operação.
Elas não são modelos reduzios de coisas
ou espaços, apesar de poder fazer uso da
representação, elas não são em si
representações de nada. As práticas 1:1
são o que são, ao mesmo tempo, em que
são proposições de si mesmas. Como
traz em *Para Um Léxico dos Usos* o
teórico Steven Wright.

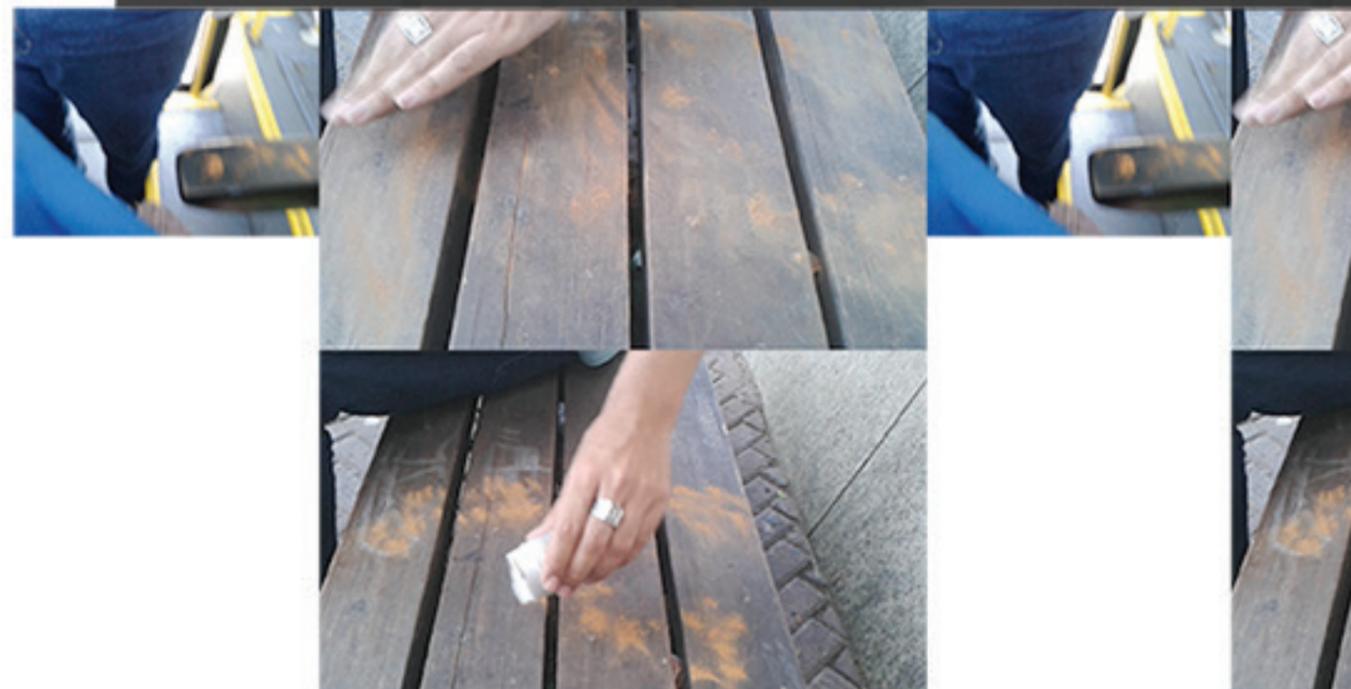
por Natalia Marchiori

O trabalho do artista Henrique Monteiro se instaura na reflexão sobre mobilidade tendo como cenário para suas ações de interrupção a cidade de São Paulo, maior metrópole brasileira e lugar onde o artista vive.

A ação performática de Henrique pretende problematizar a dinâmica urbana de locomoção onde o artista observou um padrão de automatismo e alienação do tecido urbano, que chamou de 'padrão neurótico', na qual observou que ao transitar pela cidade as pessoas deixaram de olhar ao redor e quando deparadas por algo em seu caminho, cria-se um sentimento de frustração e estresse causado pelo sentimento contemporâneo de perda do tempo.

As quebras de padrão criadas pelo artista aconteceram por intermédio de um website, <http://coletaneadp.blogspot.com.br/> que contém frases e perguntas de ativação, mas não se forma interativa, pois as perguntas não possuem espaço para uma resposta, são disparadores que de forma ruidosa, pelas suas cores quase invisíveis que dificultam a leitura da frase e seu formato com espaçamentos aleatórios, criam o desconforto causado pela quebra do automatismo. No site também se encontra um vídeo registro do artista aplicando pó nas janelas e cadeiras do ônibus, novamente, para incitar a ruptura do padrão onde cria um olhar aberto em duas hipóteses: ao se atentar da existência do pó antes de se sentar ou ao perceber que sentou em um ambiente sujo. Outra ação ligada ao trabalho foi realizada no Centro Universitário Belas Artes onde Henrique Monteiro saiu despreziosamente deixando sua página virtual aberta em computadores do laboratório da universidade e colando papéis com o link do site em degraus da escada, corrimões, corredores, no chão, em suma, lugares exclusivo ao trânsito.

A interrupção causada pelo artista ganha força na ação transformadora de interromper o fluxo cotidiano e o comportamento do tecido urbano, não mais experienciando a cidade como lugar de passagem, mas sim um lugar de encontro estabelecendo uma relação mais lúdica com a cidade, de acordo com as definições de espaço público citada por Habermas: 'lugar onde as relações comunitárias se passam e se abrigam; um espaço onde as demandas e reivindicações se exteriorizam; acolhedor de diversas instituições estatais e não estatais; espaço do agir publicamente, das reuniões; espaço por excelência do agir livre e coletivo'. (PAIVA, 1995, p. 10).





sou um enunciado de Andrea Lanzoni

ação sobre a performatividade
vídeo 6'37"
2015

Uma ação que se dá entre a enunciação e o apagamento. Performatividade de um si mesmo, enunciados que não são nem verdadeiros nem falsos, não há algo que estaria “por trás”, além de”, nem uma identidade a ser buscada, mas sim faz algo - subjetividades possíveis de transitar na partilha dizível da vida, ao convocar palavras, nomeações, germinam agenciamentos cotidianos para uma existência no tempo.

por Henrique Monteiro

Andrea Lanzoni, em *Sou um Enunciado*, traz em sua ação um corpo que é feito e efeito, sustentado e vulnerável à linguagem. Uma subjetividade em constante devir que se atualiza entre escrituras/enunciações e apagamentos que deixa rastros da escrita e no suporte. Uma ação que trabalha enquanto documentação de uma performatividade, no sentido de algo que opera, faz, constrói essa subjetividade-linguagem, não somente enquanto uma força reguladora e castradora sobre aquilo que nomeiam, no caso o sujeito, mas constitui o mesmo, enquanto contexto e história.

Em *Undoinggender*, 2004, Judith Butler traz o conceito de performatividade, nas palavras da autora:

“Corpos não são habitados como espaços vazios. Eles estão, em sua espacialidade, também em andamento no tempo: agindo, alterando a forma, alterando a significação – dependendo das suas interações – e a rede de relações visuais, discursivas e táteis que se tornam parte da sua historicidade, de seu passado, presente e futuro constitutivos”

Sou um enunciado acontece enquanto vídeo, sendo esse não um registro de um evento/ação que se deu no passado, mas o documento-vídeo apresenta-se em si como uma performance.